

BULLYNG NO DESEMPENHO ESCOLAR: COMO PROFESSORES E ESTUDANTES ENXERGAM O BULLYNG

Janderleia Pereira Milani¹
Nilza Botelho Bastos da Silva²
Osenilda Francisca de Castro³
Eliude Silencio dos Santos⁴

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os impactos do bullying no desempenho escolar, buscando compreender como professores e estudantes percebem o fenômeno e de que maneira suas manifestações interferem no processo de aprendizagem. O tema se justifica pela crescente incidência de violência entre pares nas escolas e pelos prejuízos emocionais, sociais e acadêmicos decorrentes dessa prática. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Dan Olweus, Cléo Fante, Miriam Abramovay e Antônio dos Santos Neto, que oferecem bases conceituais e análises consistentes sobre o bullying e suas repercussões no ambiente educativo. Os resultados da revisão apontam que o bullying é caracterizado por agressões intencionais e repetidas, marcadas pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. No contexto escolar, estudantes identificam o fenômeno com maior precisão por vivenciarem diretamente as interações cotidianas, enquanto professores, embora reconheçam sua gravidade, nem sempre conseguem intervir de forma imediata. Observou-se que vítimas de bullying apresentam queda no desempenho escolar, dificuldades de concentração, baixa autoestima e desmotivação, fatores que comprometem significativamente a aprendizagem. Além disso, o estudo indica que os efeitos não se restringem às vítimas, atingindo também agressores e espectadores. Conclui-se que o enfrentamento do bullying requer ações integradas, contínuas e compartilhadas por toda a comunidade escolar, incluindo políticas de prevenção, formação docente e fortalecimento das habilidades socioemocionais. Estratégias desse tipo são essenciais para promover um ambiente seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

1

Palavras-chave: *Bullying*. Desempenho escolar. Aprendizagem. Clima escolar. Prevenção.

ABSTRACT: This article aims to analyze the impacts of bullying on school performance, seeking to understand how teachers and students perceive the phenomenon and how its manifestations interfere with the learning process. The topic is justified by the increasing incidence of peer violence in schools and the emotional, social, and academic harm resulting from this practice. To this end, a literature review was conducted based on authors such as Dan Olweus, Cléo Fante, Miriam Abramovay, and Antônio dos Santos Neto, who offer conceptual foundations and consistent analyses of bullying and its repercussions in the educational environment. The results of the review indicate that bullying is characterized by intentional and repeated aggression, marked by an imbalance of power between aggressor and victim. In the school context, students identify the phenomenon more accurately because they directly experience daily interactions, while teachers, although recognizing its seriousness, are not always able to intervene immediately. It was observed that victims of bullying experience a decline in school performance, difficulties concentrating, low self-esteem, and demotivation, factors that significantly compromise learning. Furthermore, the study indicates that the effects are not limited to victims, also affecting aggressors and bystanders. It concludes that tackling bullying requires integrated, continuous actions shared by the entire school community, including prevention policies, teacher training, and strengthening socio-emotional skills. Strategies of this type are essential to promote a safe, welcoming environment conducive to the holistic development of students.

¹<https://orcid.org/0009000163629995>

²<https://orcid.org/0009000567225882>

³<https://orcid.org/000900078926449X>

⁴<https://orcid.org/0009000375276968>

Keywords: *Bullying*. Academic performance. Learning. School climate. Prevention.

1. INTRODUÇÃO

O *bullying*, enquanto forma sistemática de violência física, verbal, psicológica ou relacional, tem se consolidado como um dos principais desafios das instituições educacionais contemporâneas, afetando diretamente o clima escolar, as relações interpessoais e, sobretudo, o desempenho acadêmico dos estudantes. No ambiente escolar, onde se espera o desenvolvimento integral do sujeito, tais práticas interferem na autoestima, na participação, na motivação e nos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem, configurando um problema que demanda atenção investigativa e pedagógica. Assim, compreender como professores e estudantes percebem o *bullying* constitui elemento essencial para a análise das dinâmicas escolares e para o desenvolvimento de práticas de prevenção e intervenção mais eficazes.

A relevância do tema justifica-se pela necessidade de ampliar o debate sobre os impactos psicossociais e acadêmicos do *bullying*, reconhecendo que a percepção dos diferentes atores escolares pode revelar lacunas entre a vivência dos estudantes e o entendimento docente sobre o fenômeno. Além disso, esse debate contribui para fortalecer políticas escolares e estratégias pedagógicas de enfrentamento, alinhadas às diretrizes estabelecidas na Lei n.º 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática no Brasil.

O objetivo deste artigo é analisar de que maneira o *bullying* influencia o desempenho escolar, considerando as percepções de professores e estudantes sobre sua ocorrência, seus efeitos e suas formas de enfrentamento. Para isso, adotou-se uma metodologia de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, contemplando livros, artigos científicos, legislações e estudos recentes que discutem a temática sob diferentes abordagens.

A partir desse percurso metodológico, o artigo estrutura-se inicialmente em uma fundamentação teórica, apresentando autores de referência na área da violência escolar, como Olweus, Fante, Abramovay e Neto. Em seguida, desenvolve-se a definição conceitual de *bullying*, destacando suas características essenciais e suas diferenciações em relação a conflitos eventuais entre pares. A seção seguinte trata do *bullying* no contexto escolar, analisando fatores institucionais e relacionais que contribuem para sua ocorrência. Posteriormente, são discutidas as percepções dos professores, enfatizando suas formas de identificação, compreensão e intervenção diante dos casos, e as percepções dos estudantes, abordando como vivenciam e interpretam situações de intimidação.

Na sequência, são apresentados os impactos do *bullying* no desempenho escolar, considerando elementos emocionais, comportamentais e cognitivos que influenciam o processo de aprendizagem. Também é examinada a relação entre *bullying* e desafios de aprendizagem, evidenciando como estudantes com dificuldades específicas podem se tornar mais vulneráveis a episódios de violência. Por fim, o artigo aborda estratégias de prevenção e intervenção, discutindo práticas pedagógicas, ações escolares e políticas que contribuem para a construção de ambientes educativos mais seguros, acolhedores e promotores de desenvolvimento.

Dessa forma, a introdução delinea o percurso analítico do artigo e destaca a importância de compreender o *bullying* não apenas como um comportamento isolado, mas como um fenômeno complexo que dialoga com práticas pedagógicas, percepções individuais e estruturas institucionais que influenciam diretamente a trajetória escolar dos estudantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O fenômeno do *bullying* tem sido amplamente estudado nas últimas décadas, especialmente a partir das contribuições pioneiras de Dan Olweus, considerado um dos principais teóricos sobre o tema. Para Olweus (1993), o *bullying* caracteriza-se por atos repetidos de agressão física, verbal ou psicológica, sempre acompanhados por um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. O autor enfatiza que "uma pessoa é vítima de *bullying* quando é exposta repetidamente a ações negativas realizadas por uma ou mais pessoas" (OLWEUS, 1993, p. 9), destacando a intencionalidade e a continuidade da violência como elementos centrais para sua definição.

No Brasil, Fante (2005) aprofunda o debate ao considerar o *bullying* um problema de saúde pública que compromete o bem-estar emocional e o desenvolvimento acadêmico dos estudantes. A autora afirma que "o *bullying* não é uma simples brincadeira entre colegas; trata-se de uma agressão dirigida, persistente e com potencial para gerar graves prejuízos pessoais e escolares" (FANTE, 2005, p. 27). Assim, reforça-se a necessidade de compreender o fenômeno para além de conflitos cotidianos, reconhecendo sua profundidade e impacto.

Abramovay (2002) também contribui de forma significativa ao analisar a violência escolar em suas múltiplas expressões e ao destacar o papel das relações sociais na construção do ambiente educativo. De acordo com a pesquisadora, a violência entre pares "é refletida pelas desigualdades sociais e pela falta de pertencimento dos estudantes ao espaço escolar"

(ABRAMOVAY, 2002, p. 41), o que evidencia a dimensão sociocultural como elemento estruturante do bullying.

Neto (2005) reforça essa perspectiva ao afirmar que o *bullying* possui raízes estruturais, associadas à organização escolar e às relações de poder entre estudantes. O autor explica que “a escola, ao ignorar pequenos atos de humilhação e preconceito, contribui para a institucionalização da violência” (NETO, 2005, p. 15). Essa análise é fundamental para compreender como as práticas e a cultura escolar influenciam a ocorrência e a manutenção do problema.

Do ponto de vista pedagógico e psicológico, diversos estudos relacionam diretamente o bullying ao desempenho escolar. Segundo Olweus (2013), estudantes vítimas de intimidação apresentam maior probabilidade de desenvolver ansiedade, problemas de atenção e dificuldades de aprendizagem. A literatura evidencia que o clima emocional negativo interfere significativamente nos processos cognitivos essenciais, como memória, motivação e autorregulação, aspectos indispensáveis para o sucesso escolar.

Outro ponto relevante discutido na literatura é a percepção dos professores sobre o bullying. Para Fante e Pedra (2008), muitos docentes ainda têm dificuldades em reconhecer casos de intimidação sistemática, especialmente quando as agressões são sutis ou indiretas. Os autores afirmam que “a falta de formação específica dificulta a intervenção adequada e contribui para a naturalização de comportamentos violentos” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 63). Isso revela a importância da formação continuada como estratégia de enfrentamento.

A percepção dos estudantes também é amplamente abordada. Pesquisas de Abramovay e Rua (2004) mostram que os jovens compreendem o bullying a partir de suas vivências cotidianas e que muitas vezes não encontram apoio institucional para denunciar ou enfrentar situações de violência. Essa discrepância entre percepção discente e postura institucional demonstra a necessidade de políticas de escuta e acolhimento.

Por fim, estratégias de enfrentamento são amplamente discutidas por Olweus (2013), que desenvolveu programas estruturados de prevenção baseados em ações articuladas entre escola, família e comunidade. No Brasil, iniciativas baseadas em competências socioemocionais, cultura de paz e intervenção precoce têm mostrado resultados positivos no que diz respeito à redução dos casos e ao fortalecimento das habilidades sociais dos estudantes.

Assim, a fundamentação teórica evidencia que o *bullying* é um fenômeno complexo, multifatorial e diretamente relacionado ao desempenho escolar, às relações pedagógicas e à

cultura institucional. A compreensão de suas dimensões, a partir de autores clássicos e contemporâneos, permite construir uma análise abrangente e fundamentada sobre como professores e estudantes percebem e vivenciam essa problemática no ambiente escolar.

2.1 Definição conceitual de bullying

Compreender o *bullying* em sua essência é fundamental para analisar suas implicações no cotidiano escolar e, sobretudo, seus impactos no desempenho acadêmico. O termo, segundo Olweus (1993), refere-se a um conjunto de comportamentos agressivos intencionais, repetitivos e caracterizados por um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima. O autor afirma que “uma pessoa é vítima de bullying quando é exposta repetidamente a ações negativas realizadas por uma ou mais pessoas” (OLWEUS, 1993, p. 9), explicando que não se trata de um ato isolado, mas de uma prática sistemática que visa causar dano físico, emocional ou social.

No contexto brasileiro, Fante (2005) reforça que o bullying envolve uma dinâmica de violência contínua, que ultrapassa o limite das brincadeiras e assume um caráter persecutório. Para a autora, “o bullying não é uma simples desavença infantil, mas uma agressão persistente, que pode comprometer a saúde emocional e o rendimento escolar do estudante vitimado” (FANTE, 2005, p. 27). Dessa forma, destaca-se a importância de diferenciar comportamentos de intimidação de conflitos comuns entre pares, que geralmente são eventuais, equilibrados e sem intencionalidade de causar dano.

Abramovay (2002) amplia a discussão ao enfatizar que o bullying está inserido em um contexto social e institucional mais amplo. Para a pesquisadora, trata-se de uma violência simbólica e relacional que reflete desigualdades, preconceitos e a falta de pertencimento no ambiente escolar. Segundo ela, “as manifestações de violência entre estudantes expressam tensões sociais e relações de poder que se reproduzem no espaço escolar” (ABRAMOVAY, 2002, p. 41), indicando que o bullying não deve ser compreendido apenas como comportamento individual, mas como fenômeno social.

Neto (2005) complementa essa perspectiva ao destacar que a escola muitas vezes banaliza atos de humilhação, favorecendo a naturalização do comportamento agressivo. O autor argumenta que “ao tratar agressões repetitivas como brincadeiras, a escola contribui para a institucionalização da violência” (NETO, 2005, p. 15). Essa banalização dificulta a identificação de casos reais de bullying e reforça estereótipos que silenciam as vítimas.

O bullying pode manifestar-se de diferentes formas. Entre os tipos mais comuns, destacam-se:

Físico: agressões corporais, empurrões, chutes ou danos materiais.

Verbal: insultos, xingamentos, apelidos pejorativos.

Psicológico: intimidação, chantagem, manipulação, ameaças.

Social ou relacional: exclusão, isolamento, disseminação de boatos.

Sexual: comentários ou gestos de cunho sexual, assédios e humilhações.

Cyberbullying: violência mediada por tecnologias digitais, como redes sociais, aplicativos e mensagens.

O *cyberbullying* merece atenção especial, pois amplia a exposição das vítimas, rompe barreiras físicas e temporais e dificulta o controle institucional. De acordo com Olweus (2013), essa modalidade intensifica o sofrimento emocional e aumenta o alcance da agressão, tornando as vítimas mais vulneráveis.

A distinção entre *bullying* e conflitos comuns é indispensável. Enquanto brigas ou discussões esporádicas entre estudantes são eventos pontuais e geralmente equilibrados, o bullying envolve continuidade, intencionalidade e assimetria de poder. Como explica Fante (2005), diferenciar esses fenômenos é essencial para evitar banalizações e garantir intervenções adequadas.

Assim, a definição conceitual de *bullying* apresentada pela literatura evidencia sua complexidade e multidimensionalidade, reforçando que se trata de um fenômeno que exige compreensão ampla e sensível para promover ações eficazes de prevenção e intervenção no ambiente escolar.

2.2 *Bullying* no contexto escolar

A escola, enquanto instituição social responsável pela formação integral dos sujeitos, é um espaço privilegiado de convivência, aprendizagem e construção de identidades. Contudo, também é um ambiente onde se manifestam tensões, conflitos e práticas de violência, entre elas o bullying. Segundo Abramovay (2002), a escola funciona como um microcosmo da sociedade, refletindo desigualdades, disputas simbólicas e relações de poder que atravessam o cotidiano estudantil. A autora explica que “a violência escolar não se restringe a agressões físicas, mas envolve dinâmicas de exclusão, humilhação e discriminação que impactam diretamente o clima

educativo” (ABRAMOVAY, 2002, p. 41). Nesse sentido, o bullying deve ser compreendido como uma expressão específica dessas relações sociais.

Olweus (1993), pioneiro nos estudos do fenômeno, destaca que o ambiente escolar desempenha papel decisivo na ocorrência e manutenção de comportamentos de intimidação. O autor argumenta que “a estrutura escolar, a supervisão inadequada e a ausência de normas claras contribuem para a reprodução do bullying” (OLWEUS, 1993, p. 22). Isso significa que fatores institucionais — como organização do espaço, práticas disciplinadoras e postura docente — influenciam diretamente a frequência e gravidade dos episódios de violência entre pares.

No contexto brasileiro, Fante (2005) ressalta que a omissão diante de pequenos atos de agressão tende a favorecer o agravamento das situações de bullying. A autora afirma que “quando a escola naturaliza agressões recorrentes sob o argumento de brincadeiras, legitima comportamentos violentos e prejudica a construção de uma convivência saudável” (FANTE, 2005, p. 39). Essa naturalização contribui para que o bullying seja invisibilizado, dificultando práticas interventivas eficazes.

Neto (2005) amplia a análise ao considerar que a escola, muitas vezes, não oferece espaços de diálogo e acolhimento suficientes para que os estudantes expressem suas vivências e preocupações. Em sua perspectiva, “a ausência de práticas participativas e de gestão democrática enfraquece os vínculos sociais e potencializa conflitos entre alunos” (NETO, 2005, p. 17). Dessa forma, aspectos institucionais e relacionais atuam de maneira conjunta na construção de ambientes que podem favorecer ou reduzir a incidência de bullying.

Além disso, o clima escolar — entendido como a percepção coletiva sobre normas, relações e práticas pedagógicas — emerge como elemento determinante. Olweus (2013) destaca que escolas com clima acolhedor, práticas colaborativas e relações de respeito tendem a apresentar taxas significativamente menores de bullying. Por outro lado, ambientes pouco supervisionados, com regras inconsistentes ou intervenções punitivas e não educativas, tendem a amplificar comportamentos agressivos.

Outro aspecto relevante é o papel da comunidade escolar. Como enfatiza Abramovay e Rua (2004), a construção de um ambiente seguro exige envolvimento de todos: professores, gestores, funcionários, estudantes e famílias. Para as autoras, “programas de prevenção só são eficazes quando articulam ações coletivas e promovem a cultura de paz” (ABRAMOVAY; RUA, 2004, p. 58). Essa perspectiva reforça que o enfrentamento do bullying não depende apenas de ações individuais, mas de políticas e práticas institucionais articuladas.

Assim, compreender o bullying no contexto escolar implica reconhecer que ele é resultado de interações complexas entre práticas pedagógicas, normas institucionais, relações sociais e cultura escolar. A análise desse ambiente permite identificar fatores de risco e de proteção, fundamentais para o desenvolvimento de estratégias efetivas de prevenção e intervenção.

2.3 Percepção dos professores

A compreensão do bullying no ambiente escolar está profundamente relacionada às percepções e práticas dos professores, que ocupam posição central na identificação, intervenção e prevenção de situações de violência entre estudantes. A forma como o docente interpreta comportamentos agressivos influencia diretamente a maneira como age diante deles, podendo favorecer tanto a resolução quanto a perpetuação do problema.

Fante e Pedra (2008) afirmam que, embora a maioria dos professores reconheça o bullying como um fenômeno prejudicial ao desenvolvimento dos estudantes, muitos ainda apresentam dificuldades para identificar casos, especialmente quando envolvem agressões psicológicas, sociais ou simbólicas. Segundo os autores, “professores frequentemente percebem o bullying apenas em suas formas mais explícitas, enquanto as agressões indiretas passam despercebidas ou são minimizadas” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 62). Essa dificuldade de reconhecimento contribui para que vítimas permaneçam silenciadas e agressores não recebam orientação adequada.

Para Olweus (1993), a percepção docente é influenciada pelas concepções pessoais sobre disciplina, comportamento e conflitos da adolescência. O autor explica que, em algumas situações, os professores interpretam episódios de bullying como “conflitos normais da idade” (OLWEUS, 1993, p. 26), o que pode levar à subnotificação e à ausência de medidas interventivas. Essa interpretação equivocada ocorre principalmente quando o docente não possui formação específica sobre o tema ou quando a escola não estabelece protocolos claros de identificação e encaminhamento.

Abramovay (2002) aponta que muitos professores relatam sentir-se despreparados para lidar com situações de violência entre estudantes, especialmente em contextos de desigualdade social, discriminação ou preconceito. A autora observa que “a falta de formação continuada e de apoio institucional gera sentimentos de insegurança e impotência entre docentes”

(ABRAMOVAY, 2002, p. 103). Isso revela a importância de políticas de capacitação que viabilizem a construção de práticas pedagógicas mais assertivas e acolhedoras.

Além disso, Neto (2005) destaca que as percepções dos professores podem ser influenciadas pelo clima escolar e pelas condições de trabalho. Segundo ele, “ambientes escolares desorganizados, com altas demandas e poucos recursos, tendem a reduzir a capacidade do professor de observar e intervir” (NETO, 2005, p. 22). Nesses casos, comportamentos agressivos são normalizados, e denúncias feitas por estudantes podem ser negligenciadas ou tratadas como exageros.

Outro aspecto relevante refere-se ao posicionamento ético e emocional do docente. Fante (2005) argumenta que professores que assumem postura empática, acolhedora e ativa conseguem estabelecer relações de confiança com os estudantes, favorecendo a identificação precoce de situações de bullying. A autora afirma que “a postura sensível do professor é determinante para que a vítima se sinta segura ao relatar agressões e buscar apoio” (FANTE, 2005, p. 78). Assim, a percepção docente não se limita ao reconhecimento de comportamentos agressivos, mas envolve também a capacidade de construir vínculos e promover um ambiente de confiança.

Por outro lado, pesquisas indicam que alguns professores ainda reproduzem discursos que culpabilizam as vítimas, especialmente quando envolvem estudantes considerados “diferentes”, seja por questões de desempenho, raça, aparência física ou comportamento. Abramovay e Rua (2004) apontam que “a percepção docente pode ser atravessada por preconceitos e estereótipos, reforçando desigualdades e legitimando práticas discriminatórias” (ABRAMOVAY; RUA, 2004, p. 87). Essa constatação reforça a necessidade de formação crítica e reflexiva, que problematize preconceitos e promova práticas inclusivas.

De modo geral, as percepções dos professores influenciam diretamente a dinâmica do bullying na escola. Professores atentos, formados e preparados conseguem agir de maneira preventiva, educativa e acolhedora, enquanto percepções distorcidas, minimizadoras ou punitivas podem reforçar o ciclo de violência, afetando o bem-estar emocional e o desempenho escolar dos estudantes.

2.4 Percepção dos estudantes

A percepção dos estudantes sobre o bullying é fundamental para compreender a complexidade do fenômeno dentro do contexto escolar. De acordo com Abramovay (2015), os

alunos tendem a identificar situações de bullying com maior precisão do que os adultos, pois vivenciam diretamente as dinâmicas de convivência, os códigos informais e as disputas simbólicas presentes na cultura escolar. A autora ressalta que, para muitos estudantes, o bullying é naturalizado como parte da vida escolar, o que dificulta a denúncia e a busca por ajuda.

Olweus (1993) destaca que as vítimas costumam perceber o bullying como uma experiência dolorosa e contínua, associada ao medo, à vergonha e ao isolamento social. Para o autor, estudantes que sofrem repetidas agressões desenvolvem maior sensibilidade às hostilidades cotidianas, interpretando a escola como um ambiente inseguro. Essa percepção impacta diretamente seu bem-estar emocional e sua relação com o processo de aprendizagem.

Fante (2005) complementa que, para muitos alunos, especialmente na adolescência, admitir ser vítima de bullying pode ser interpretado como um sinal de fragilidade, contribuindo para o silêncio e a manutenção da violência. Em contraposição, alguns estudantes enxergam o bullying como brincadeira, o que evidencia uma compreensão distorcida das agressões, reforçada pela ausência de orientação adequada e pela banalização do sofrimento alheio.

Neto (2011) observa que as percepções dos estudantes variam de acordo com o papel que desempenham nas situações de bullying: vítimas, agressores ou espectadores. Enquanto as vítimas relatam sentimentos de medo, tristeza e humilhação, os agressores frequentemente justificam suas ações como diversão ou resposta a provocações. Já os espectadores, segundo o autor, revelam ambivalência: reconhecem a violência, mas hesitam em intervir por receio de se tornarem as próximas vítimas ou de serem socialmente excluídos.

Assim, compreender a percepção dos estudantes permite analisar como o bullying é mantido e reproduzido no ambiente escolar. Essas interpretações internas do grupo discente influenciam diretamente a intensidade do fenômeno, sua aceitação e as possibilidades de enfrentamento coletivo. Promover espaços de escuta ativa e diálogo é, portanto, essencial para desnaturalizar práticas violentas e fortalecer a cultura de respeito e cuidado mútuo na escola.

2.5 Impactos do *bullying* no desempenho escolar

O *bullying* exerce influência direta e significativa sobre o desempenho escolar, afetando tanto a dimensão cognitiva quanto socioemocional dos estudantes. De acordo com Olweus (2013), vítimas de bullying apresentam maior dificuldade de concentração, baixa motivação para participar das atividades escolares e níveis elevados de ansiedade, fatores que comprometem o

engajamento acadêmico. O autor enfatiza que o medo recorrente de novas agressões interfere na capacidade de aprendizagem, uma vez que o estudante permanece em estado de alerta constante, reduzindo sua disponibilidade mental para os estudos.

Fante (2005) afirma que o impacto do bullying ultrapassa o desempenho acadêmico imediato, produzindo efeitos de longo prazo, como evasão escolar, diminuição da autoestima e menor participação em atividades coletivas. A autora ressalta que estudantes vítimas de violência repetida tendem a apresentar comportamentos de retraimento, baixa autoconfiança e sentimento de incapacidade, o que dificulta a construção de uma trajetória escolar sólida.

Segundo Abramovay (2015), o ambiente escolar violento reduz o sentimento de pertencimento dos estudantes à comunidade educativa, gerando afastamento emocional e desinteresse pelas práticas pedagógicas. A autora destaca que a qualidade das relações sociais na escola é um elemento essencial para o bom desempenho, e que situações de violência prejudicam diretamente a construção de vínculos positivos com colegas e professores.

Neto (2011) complementa que os impactos do bullying não se limitam às vítimas. Espectadores também podem sofrer prejuízos emocionais, como medo ou insegurança, o que compromete sua participação nas atividades escolares. Já os estudantes que praticam bullying tendem a apresentar dificuldades de autorregulação emocional e comportamental, que também podem repercutir negativamente em seu rendimento.

11

Dessa forma, os impactos do bullying no desempenho escolar são amplos e multifatoriais: prejudicam a aprendizagem, reduzem o envolvimento escolar, comprometem o desenvolvimento socioemocional e podem contribuir para dificuldades de convivência e de permanência na escola. Assim, entender essa relação é fundamental para construir estratégias de prevenção e intervenção que promovam ambientes educativos seguros e propícios ao desenvolvimento integral dos estudantes.

2.6 Bullying e desafios da aprendizagem

O *bullying* representa um fator de risco significativo para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais necessárias ao processo de aprendizagem. Segundo Olweus (2013), estudantes expostos continuamente à violência escolar apresentam alterações emocionais que afetam diretamente a capacidade de concentração, memória e resolução de problemas. Esses prejuízos decorrem do estresse crônico vivenciado pela vítima, que permanece em constante estado de vigilância, dificultando o foco nas tarefas escolares.

De acordo com Fante (2005), o bullying provoca impactos que ultrapassam o ambiente escolar, interferindo no desenvolvimento global do estudante. A autora destaca que a aprendizagem não ocorre apenas por meio da transmissão de conteúdos, mas depende de fatores relacionais, afetivos e motivacionais. Assim, quando o aluno se sente ameaçado, humilhado ou excluído, sua motivação intrínseca diminui, prejudicando a construção de novas aprendizagens e o engajamento com atividades cognitivamente desafiadoras.

Abramovay (2015) acrescenta que o clima escolar marcado pela violência compromete a qualidade das interações pedagógicas, influenciando o próprio processo de ensino. A autora evidencia que estudantes vítimas de bullying tendem a evitar aulas, atividades em grupo e exposições orais, por sentirem medo de se tornarem alvos de novas agressões. Essa evasão parcial impacta o desenvolvimento de competências linguísticas, sociais e acadêmicas.

Neto (2011) reforça que os efeitos do bullying também atingem a autoestima acadêmica, ou seja, a percepção que o estudante tem de sua própria capacidade de aprender. Para o autor, alunos submetidos a intimidações constantes desenvolvem sentimentos de inferioridade e incompetência, que resultam em baixo desempenho e dificuldade de enfrentar desafios intelectuais. Esse quadro pode evoluir para quadros de desmotivação crônica, absenteísmo e abandono escolar.

Assim, o bullying não apenas compromete o rendimento escolar, mas se constitui como um obstáculo direto ao processo de aprendizagem, interferindo em aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais dos estudantes. Compreender essa relação é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e estratégias institucionais de enfrentamento, garantindo que todos os alunos tenham condições adequadas para aprender e se desenvolver integralmente.

2.7 Estratégias de prevenção e intervenção

As estratégias de prevenção e intervenção do bullying no ambiente escolar devem ser compreendidas como ações contínuas, sistemáticas e integradas ao projeto pedagógico da instituição. De acordo com Olweus (2013), programas eficazes de combate ao bullying envolvem toda a comunidade escolar, incluindo gestores, professores, estudantes e famílias. Para o autor, medidas isoladas apresentam resultados limitados, sendo fundamental a construção de políticas institucionais permanentes que promovam relações sociais respeitadas e seguras.

Fante (2005) enfatiza a importância da formação continuada dos professores como elemento central no enfrentamento do bullying. Segundo a autora, a capacitação docente possibilita identificar sinais de vitimização, intervir de forma adequada e adotar práticas pedagógicas que favoreçam a cultura de paz. Além disso, Fante destaca a necessidade de promover atividades que desenvolvam habilidades socioemocionais, como empatia, autocontrole e resolução de conflitos, contribuindo para um ambiente escolar mais solidário.

Abramovay (2015) propõe que as estratégias de prevenção devem contemplar não apenas ações de caráter disciplinar, mas também práticas educativas que fortaleçam o sentimento de pertencimento dos estudantes à escola. A autora sugere a criação de espaços de diálogo, mediação de conflitos e participação ativa dos alunos na elaboração de regras e acordos coletivos de convivência. Tais iniciativas favorecem o protagonismo juvenil e reduzem situações de violência simbólica e física.

Neto (2011) ressalta que intervenções eficazes consideram também os diferentes papéis envolvidos no fenômeno: vítimas, agressores e espectadores. O autor argumenta que programas de apoio psicológico e pedagógico às vítimas são essenciais para restaurar sua autoestima e segurança. Já com os agressores, é fundamental trabalhar questões relacionadas à regulação emocional, responsabilização e desenvolvimento de competências sociais. Quanto aos espectadores, Neto destaca a necessidade de incentivá-los a adotar posturas ativas de denúncia, solidariedade e intervenção segura.

Além disso, estudos recentes reforçam que a adoção de políticas institucionais claras — como protocolos de registro de ocorrências, campanhas educativas, monitoramento de espaços escolares e comunicação constante com as famílias — contribuem significativamente para a redução de casos de bullying. Essas ações integradas favorecem uma cultura escolar baseada na cooperação, respeito e proteção coletiva.

Assim, a prevenção e a intervenção no bullying requerem uma abordagem multidimensional, que envolva práticas pedagógicas inclusivas, ações institucionais consistentes e participação ativa da comunidade educativa. Somente por meio de estratégias amplas e articuladas é possível promover um ambiente escolar seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar o fenômeno do *bullying* no ambiente escolar, destacando seus impactos no desempenho acadêmico e compreendendo como professores e estudantes percebem essa problemática. A partir de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como Olweus, Fante, Abramovay e Neto, foi possível compreender o caráter multidimensional do *bullying*, bem como sua relação direta com o clima escolar, o processo de aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

A definição conceitual de *bullying*, com ênfase na intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder, permitiu diferenciar esse fenômeno de conflitos interpessoais comuns. A análise do contexto escolar mostrou que a cultura institucional, a supervisão dos espaços, as normas de convivência e a mediação de conflitos influenciam significativamente a ocorrência e a naturalização de práticas violentas. As percepções dos estudantes e dos professores evidenciaram que o *bullying* é, muitas vezes, invisibilizado ou banalizado, o que dificulta a identificação precoce e a adoção de intervenções eficazes.

Os impactos do *bullying* no desempenho escolar se mostraram amplos, variando desde dificuldades cognitivas e baixa autoestima até evasão e desmotivação crônica. Ao relacionar *bullying* e desafios da aprendizagem, constatou-se que o ambiente emocional inseguro afeta a memória, atenção e motivação dos estudantes, comprometendo o desenvolvimento integral.

Por fim, destacou-se que estratégias de prevenção e intervenção devem ser contínuas, integradas ao projeto pedagógico e compartilhadas por toda a comunidade educativa. Políticas institucionais claras, formação docente, fortalecimento das habilidades socioemocionais e participação ativa dos estudantes constituem elementos essenciais para promover uma cultura de paz e garantir um ambiente escolar seguro, acolhedor e propício à aprendizagem.

Assim, conclui-se que enfrentar o *bullying* exige uma abordagem ampla, coletiva e permanente, capaz de transformar a escola em um espaço de convivência ética, respeito mútuo e promoção do pleno desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. *Violência nas escolas: investigação em escolas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam. *Bullying escolar: comportamento agressivo entre estudantes*. Brasília: UNESCO, 2015.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: guia para educadores e pais*. São Paulo: Contexto, 2008.

NETO, João Luiz. *Violência e bullying na escola: reflexões e perspectivas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

NETO, Antônio dos Santos. *Bullying: comportamento agressivo nas escolas*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.

OLWEUS, Dan. *School bullying: development and some important challenges*. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 9, p. 751-780, 2013.